

## EDITORIAL

### ÉPICA E MODERNIDADE. ESPAÇOS, LIMITES E TRANSGRESSÕES DE UM GÊNERO CLÁSSICO EM RENOVAÇÃO (SÉCULOS XVIII E XIX)

A partir da modernidade literária inaugurada com as estéticas da originalidade próprias do Romantismo, a poesia épica passa a ocupar posição contraditória, em que a crítica à normatividade que caracterizava o gênero convive com o alto grau de canonicidade a ele atribuído pelas literaturas nacionais em ascensão. Conservando o sentido básico de narrativa sobre feitos heroicos relevantes para uma coletividade, a épica sobreviverá transformada ou dissociada do verso: a partir de Ossian e Chateaubriand, incorporam-se novas e radicais possibilidades formais que redesenham os limites do gênero, abrindo-o para o uso da prosa. Com essa abertura, o romance histórico se apresenta como sucessor (ou substituto) do poema épico, sobretudo na medida em que a ação heroica que esse representa está, na sua forma mais tradicional, associada a uma dimensão do maravilhoso pouco convincente para o leitor do século XIX.

No Brasil, esse será o momento para a ascensão de José de Alencar, que, após condenar Gonçalves de Magalhães por não obedecer às normas do gênero, renova-o por meio da publicação de romances históricos, visando abranger o Brasil na sua totalidade geográfica e diversidade cultural. Nas obras de Magalhães e Alencar, encontram-se dois modelos de relato fundacional, em que a representação do momento da origem da coletividade nacional tem evidente apelo identitário, confirmando o estatuto do texto épico como, em última instância, uma reflexão sobre o presente. Do outro lado do Atlântico, Almeida Garrett busca a renovação formal do poema épico para propor uma representação da figura de Camões que corresponde, em grande medida, a uma mobilização identitária correlata à dos brasileiros.

Tendo como pano de fundo esse panorama fértil e mutável, este número da *Revista Brasileira de Literatura Comparada* propõe, além de buscar evidenciar as transformações por que passou a épica enquanto discurso totalizador em verso ou em prosa, examinar como se verificam as apropriações e transposições de fronteiras entre os gêneros literários, como é a reflexão sobre os fenômenos associados às transformações e como se articula em discursos, qual é o diálogo em termos de afirmação ou contraposição que se estabelecem entre as produções literárias realizadas, como se dão os deslocamentos de tempo e de geografias no contexto das literaturas lusófonas no Romantismo e nas suas vésperas, no Brasil e em Portugal.

Os artigos resultam do projeto *Discurso da épica nas culturas lusófonas do século XIX*, financiado pelo Probral, programa binacional apoiado pela Capes/Brasil e pelo DAAD/Alemanha, e desenvolvido em convênio entre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Ruhr-Universität Bochum. Foram originalmente apresentados e debatidos em seção do 13º Congresso Alemão de Lusitanistas, intitulada *Epopéia, narrativa épica e modernidade. Espaços, limites e transgressões de um gênero clássico em renovação / Räume, Grenzen und Übergänge in der portugiesischsprachigen Welt*, que ocorreu na Universidade de Augsburg, entre 11 e 13 de setembro de 2019.

Regina Zilberman<sup>1</sup>

Marcos Machado Nunes<sup>2</sup>

Roger Friedlein<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-0834-214X> ; [regina.zilberman@gmail.com](mailto:regina.zilberman@gmail.com)

<sup>2</sup> Ruhr-Universität Bochum – RUB, Bochum, Alemanha; <https://orcid.org/0000-0001-8441-6668>; [Marcos.MachadoNunes@ruhr-uni-bochum.de](mailto:Marcos.MachadoNunes@ruhr-uni-bochum.de)

<sup>3</sup> Ruhr-Universität Bochum – RUB, Bochum, Alemanha. <https://orcid.org/0000-0001-8844-1721>; [roger.friedlein@rub.de](mailto:roger.friedlein@rub.de)